Paulo Carneiro: um positivista brasileiro na Unesco

Moema de Rezende Vergara

Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro
Marcos Chor Maio (org.)
Rio de Janeiro, Fiocruz e Unesco, 2004

Ao olharmos à nossa volta, podemos ver histórias de vidas que foram mais marcadas pela coerência interna do que outras. Este foi o caso de Paulo Carneiro (1901-1982), a quem o positivismo conferiu uma unidade em vários aspectos de sua existência. Mesmo que para um observador externo isto possa parecer uma contradição em termos, ele foi um "cientista positivista" no século XX.

Nota: Moema de Rezende Vergara é pesquisadora do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCT).

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 35, janeiro-junho de 2005, p. 192-196.

Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro tem o mérito de não deixar que as atuações deste cientista, "guardião" da Casa de Augusto Comte e representante do Brasil na Unesco caiam no esquecimento. O livro nos permite ver Paulo Carneiro como um "ator-chave" que abre as "portas" de questões como a tensão entre o global e o local, as conseqüências da Segunda Guerra Mundial, e a relação da ciência e da política com o positivismo.

O próprio Carneiro se apresentou antes de tudo como produto do meio positivista, ao qual se manteve fiel até o fim de seus dias (p. 269). Contudo, sua adesão ao legado comteano não o enrijeceu, até porque para ele o programa de Comte não era final, mas algo que deveria ser continuado por várias gerações. Segundo Priscila Fraiz e Eduardo Reis, o cataclismo da Segunda Guerra tornou mais forte ainda a visão positivista de organização da sociedade de Carneiro, que procurava agregar pessoas das mais diferentes crenças em seu esforço de "formar uma elite intelectual e científica que estivesse à frente da construção de uma sociedade positiva" (p. 79).

A formação positivista organizou sua atuação tanto na ciência quanto na política, instâncias que sempre se intercruzavam em sua vida. No final dos anos 1920, doutorou-se pela Sorbonne, com um estudo sobre a composição química do guaraná. Mais tarde, no Instituto Pasteur, fez a descoberta que, segundo Magali Sá, consolidou sua carreira de cientista: a composição do curare. Ao determinar o princípio ativo daquela substância, seu trabalho obteve a aprovação de seus colegas (apesar de ter gerado alguma polêmica) e foi publicado nos *Comptes Rendus* da Academia de Paris, em 1938 (p. 53).

O estudo do curare é tido como paradigmático na fisiologia, pois o veneno era conhecido desde o século XVIII nos relatos dos naturalistas e foi analisado, em meados do século XIX, por Claude Bernard, um dos pioneiros da fisiologia experimental (cf. Benchimol, 1999). O curare foi também objeto de investigação de uma das instituições que inauguraram os estudos experimentais no Brasil, o Laboratório de Fisiologia do Museu Nacional, no momento em que os positivistas estavam valorizando as ciências experimentais como o conhecimento científico por excelência (cf. Dantes, 1996). No caso brasileiro, estava-se buscando, através do emprego desse método, a criação de uma "ciência nacional". Ao escolher os produtos brasileiros – o guaraná e o curare – para estudar, Carneiro demonstrava o desejo de mobilizar, nas palavras de Paulo Góes e Francisco Araújo, o "universalismo científico" para tratar de temas brasileiros, e desta forma partir da especificidade brasileira para produzir uma "ciência universal" (p. 189). Retomava a mesma fórmula de acesso ao universal através do particular que já havia sido enunciada pelos primeiros positivistas, que encontraram nesta doutrina os meios de incluir o Brasil na marcha da civilização ocidental.

Um cientista positivista, naquele momento, não deixa de ser paradoxal, pois se no começo do século XX a concepção positivista da ciência ainda se mantinha presente, esta teoria estava sendo revisada na atividade científica *stricto sensu*. A própria Igreja Positivista do Rio de Janeiro se distanciara dos avanços científicos de sua época ao lutar contra a vacina obrigatória no episódio da Revolta da Vacina de 1904, que, além de defender as liberdades individuais contra a intervenção do Estado, também não acreditava na ação dos microrganismos como vetor de doenças (cf. Carvalho, 1987).

A atuação de Paulo Carneiro na política nacional restringiu-se aos anos de 1933-35, quando ocupou o cargo de diretor da Divisão de Matérias-Primas do Instituto Nacional de Tecnologia em Pernambuco. Angela Alonso vê nas políticas implementadas por Carneiro no âmbito do INT uma continuidade em relação à concepção de modernização conservadora da Igreja Positivista do Rio de Janeiro do final do século XIX.

Foi durante sua atuação no governo Vargas que Paulo Carneiro conheceu a miséria rural e tentou criar formas de assistência ao trabalhador do campo. Mas, após a Intentona de 1935, as atividades de Carneiro foram equivocadamente interpretadas como comunistas, e ele ficou malvisto nos meios políticos brasileiros. Isto pôs um ponto final em sua carreira política no Brasil e, de certa forma, abriu-lhe a possibilidade de realizar uma empreitada, que teria feito "brilhar os olhos de Comte: a constituição de uma elite científica a serviço da Humanidade" – a Unesco (p. 39).

As noções de universalização e internacionalização da ciência encampadas pela Unesco foram abraçadas sem problemas por um positivista como Paulo Carneiro, que, de certa forma, procurava realizar o desiderato comteano de um novo humanismo, fundado na ciência, e que conferia à história humana um sentido universal, no qual o cientista teria um papel de destaque. Aant Elzinga nos mostra como a idéia de uma ciência universal está carregada de sentido político. No século XX, ao se consolidar um *ethos* de exigência epistemológica que regulariza e uniformiza a prática científica independentemente das fronteiras nacionais, cria-se uma imagem de "ciência desinteressada" que obscurece o uso político da ciência, usada como força material no jogo de poder entre as nações (p. 129). Contudo, no contexto da Guerra Fria, a visão internacionalista em instituições intergovernamentais, como a ONU e a Unesco, era considerada por homens como Paulo Carneiro como uma via de luta contra a extrema bipolarização mundial. A Unesco espelhava as preocupações surgidas com o fim da Segunda Grande Guerra, quando se acentuava a necessidade de fortalecer a responsabilidade social dos cientistas, para assegurar que o trabalho científico tivesse por objetivo o bem-estar da sociedade e não a sua destruição.

Paulo Carneiro presenciou, nos anos 1940 a 50, o debate na Unesco acerca da necessidade de ampliação da atividade científica em várias áreas do globo. Essa linha de ação recebeu diversas críticas por partir do centro em direção à periferia, gerando tensões entre esse ideal universal e a realidade local. Para Heloisa Domingues e Patrick Petitjean, a posição privilegiada de Paulo Carneiro fazia com que ele estivesse atento aos interesses da Unesco no Brasil, assim como aos benefícios para o país de uma maior inserção científica internacional (p. 200).

Isto fez com que Carneiro aparecesse como o articulador entre a comunidade científica, a Unesco e o Estado brasileiro em dois importantes programas: o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA) e o Projeto Unesco de Relações Raciais. Mesmo não seguindo as expectativas iniciais da Unesco, essas iniciativas produziram o que Marcos Chor Maio chamou de "respostas locais às demandas globais". O IIHA, ao colocar a Amazônia na agenda política e científica nacional, propiciou a criação do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (INPA), e o Projeto Unesco de Relações Raciais, desenvolvido no início da década de 1950, tornou-se um marco na história das ciências sociais no Brasil (p. 163). No mesmo sentido, o artigo de Ana Maria Ribeiro nos lembra da importância de Carneiro, empolgado com o trabalho de Cesar Lattes acerca do méson-pi, nas negociações do primeiro acordo de assistência técnica entre a Unesco e o Brasil, favorecendo o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) nas observações que esta instituição já vinha fazendo no laboratório dos Andes bolivianos sobre radiação cósmica (p. 224).

Segundo Israel Vargas, sua formação científica lhe conferiu o anseio por um conhecimento de alcance universal, capaz de englobar os diversos saberes à maneira de Comte (p. 245). Não por acaso, foi o coordenador do projeto da Unesco de uma "História do Desenvolvimento Cultural e Científico da Humanidade", além de ser peça fundamental na preservação de monumentos históricos, como os templos de Abu Simbel no Egito. De certo modo, ele encontrou naquela organização internacional um ambiente que consolidou ainda mais a relação entre ciência e política que ele havia herdado da Igreja Positivista. A seus olhos, a Unesco partilhava dos mesmos ideais do positivismo, de integrar a evolução social à científica, para desta forma avaliar a evolução humana no seu conjunto.

Esse livro é um bom exemplo de como narrar uma história de vida de forma não linear, na qual o biografado vai surgindo aos poucos, através de uma série de artigos, depoimentos e iconografia. No final da leitura, ficamos com a impressão de que Paulo Carneiro foi um dos brasileiros que viram o melhor e o pior de seu século.

Referências bibliográficas

BENCHIMOL, J. 1999. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro, Fiocruz/UFRJ.

CARVALHO, J. M. de. 1987. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia. das Letras.

DANTES, M. M. 1996. "Os positivistas brasileiros e as ciências no final do século XIX", em HAMBURGER, A. I. et alii (orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo, Edusp/Fapesp.